



A Universidade e a Alfabetização de Adultos e Jovens: superando os obstáculos

O projeto parte do reconhecimento das reais necessidades do povo da Baixada Fluminense – onde se encontra a FEBF/UERJ – uma das regiões mais empobrecidas e violentas do país. O objetivo principal do projeto é atuar na formação de pessoas leigas para o planejamento e consolidação de *Círculos de Cultura e Alfabetização*, voltados para a alfabetização de adultos. O curso possibilita que os participantes conheçam a LDB 9394/96, identifiquem e analisem as principais reflexões críticas sobre alfabetização e reconheçam a interdisciplinaridade como possibilidade de romper com a fragmentação do conhecimento. Durante o curso, os alunos que vivenciam a formação dos Círculos de Cultura e Alfabetização trazem os possíveis entraves que são analisados coletivamente e criticamente à luz do referencial teórico, ou seja, as perspectivas pedagógicas de Paulo Freire e do Construtivismo, os diferentes métodos de alfabetização e as muitas experiências de alfabetização de jovens e adultos. Nos cinco anos de sua existência, o projeto tem assistido um grande aumento da demanda, não só da comunidade leiga da Baixada, mas também de professores.

A professora Maria Alice conta que, desde 1996, lecionando “Alfabetização”, sentiu a necessidade de propor o início da Pesquisa-ação “Como vem sendo construída a Alfabetização em algumas escolas da B. Fluminense?”. A realização da pesquisa servia como fio condutor da disciplina e instrumento de diagnóstico, mas ainda não reunia condições de ampliar a interferência participativa no campo alfabetizador.

Assim, já no segundo semestre de 1997, propôs e realizou o curso: “*Paulo Freire e a Alfabetização – um desafio de resistência-emancipatória ao final do 2º milênio*”, que procurava interligar o



Entrevista realizada com Euci Moraes Fernandes - Professora Alfabetizadora egressa do 1º “*Curso de Capacitação de Professores Multiplicadores dos Círculos de Cultura e Alfabetização*”. O curso faz parte das atividades desenvolvidas pelo Projeto “*Lendo e Escrevendo o Mundo*”, que é coordenado pela Professora Maria Alice Ormonde Machado, Professora Assistente da FEBF/UERJ.

Entrevista conduzida por
Sônia Regina Mendes

ensino à pesquisa. Logo depois foi firmada a parceria entre a FEBF e as Associações de Moradores da Baixada Fluminense, a Associação de Moradores de Vila São Luís e os representantes locais de Igrejas de diferentes denominações para a realização do projeto “Alfabetização alternativa para jovens e adultos”. Todas essas ações, que lhe deram grande experiência, levaram-na a construir e implementar o projeto “Lendo e escrevendo o mundo”.

Em 2001, uma das metas do projeto, além de desenvolver mais um curso, é identificar como e onde ainda temos funcionando os Círculo de Cultura e Alfabetização. Esta será a forma de levantar as necessidades dos professores-alfabetizadores e propor a realização de encontros periódicos de atualização pedagógica.

Interagir - Euci relate um pouco de sua história e fale sobre como foi participar do curso e da organização dos Círculos de Cultura e Alfabetização.

Eu sou casada, tenho três filhos, moro aqui em Vila São Luiz e estudei até o 4º período de Letras numa faculdade particular. No nível médio, eu fiz Formação de Professores. Apesar de eu ser professora, na ocasião do curso não estava exercendo a minha profissão. Quando fiquei sabendo do curso, logo me interessei em vir me inscrever, achei que era uma oportunidade de me aprimorar mais. Já na inscrição, fui informada de que deveria ter um CCA em formação e que durante o curso eu seria orientada para melhor atuar junto a ele. Enquanto participei do projeto eu formei com outros três amigos cursistas, o Sr. Jorge, técnico em informática; a Diva e a Ruth, também professoras como eu, dois Círculos de Cultura e Alfabetização, um com minha própria família, minha mãe, tias, algumas vizinhas e a ajudante da casa; e depois outro na igreja com pessoas que queriam aprender a ler a Bíblia: uns eram evangélicos, outros católicos e havia também participantes de outras religiões. Foi um experiência muito boa para mim.

Interagir - Como você soube do Projeto?

Soube do projeto pelos cartazes e convites espalhados no comércio, nas igrejas e escolas de Vila São Luiz. E também por uma amiga que estudava na FEBF.

Interagir - Qual foi o ponto mais positivo do curso?

Para mim, foi a possibilidade de vivenciar a metodologia da Pesquisa-ação que nos permitia observar e aprender a prática da alfabetização associando-a à teoria lida. Todos os participante do curso traziam os problemas que enfrentavam na implementação dos CCA, com a alfabetização dos seus alunos para o curso e buscávamos soluções em conjunto. Havia espaço para o estudo e para o debate. As dificuldades que nós encontrávamos lá, nos trazíamos para a sala de aula.

Interagir - E sobre o Círculo de Cultura e Alfabetização que organizou, o que foi mais difícil?

Não foi difícil organizar o CCA porque na minha própria família ainda existiam pessoas que precisavam se alfabetizar, minha mãe, uma tia. Assim, fui chamando outras pessoas para participar, os vizinhos e de repente já tinha um grupo de quinze pessoas para alfabetizar na minha própria casa. Depois, meu grupo conseguiu um espaço maior numa Igreja Batista. Aí o CCA foi aumentando, um vai falando para o outro que está aprendendo a ler.

Interagir - E qual foi a experiência mais significativa?

Foi, sem dúvida, já no encerramento do curso quando os alfabetizados deram seus depoimentos sobre como estava sendo importante para suas vidas aprender a ler. Minha própria mãe relatou sobre sua experiência. É impossível deixar de lembrar a emoção dos relatos das senhoras idosas, dos jovens analfabetos e deixar de pensar que se pode contribuir com tudo isso. Em especial, me lembro de um aluno que trabalhava há anos numa rodoviária despachando bagagem. Ele não sabia ler nem escrever é só pelos

números ele sabia horário de ônibus, de chegada e de saída. Depois que começou a estudar ele me disse : — Professora , eu estou sabendo ler uma porção de nomes que antigamente para mim eram estranhos. Agora sei que SP significa São Paulo. É muito gratificante trabalhar com Alfabetização porque se aprende com os alunos e eles retribuem com carinho e amizade.

Interagir - Você estava trabalhando na época em que fez o curso ?

Não, na época do curso estávamos em meu grupo quase todos desempregados. Mas durante o seu desenvolvimento e dos CCA, o meu grupo começou a trabalhar no MOVA- Rio. Todos passamos a receber uma pequena remuneração, além de vale transporte e alimentação para nós e para os alfabetizando. Isso foi de grande ajuda para mim e para os alunos.

Interagir - E com o fim do curso, o que aconteceu?

Eu já estava muito identificada com as ações do projeto e continuei a participar como colaboradora da professora Maria Alice nos demais cursos. Esta foi uma experiência também importante para mim, pois pude aprofundar e apropriar-me de novos conhecimentos críticos nesse período. Participei de palestras com a Professora Maria Alice , fomos até na UERJ sem Muros. Também continuo com o CCA na Igreja. Agora já sou bem conhecida e tenho alunos que vêm participar porque já me conhecem na comunidade e não sentem vergonha de dizer que não sabem e de estarem lá aprendendo a ler e escrever. A única dificuldade é a falta de apoio , porque alfabetizar também envolve alguns recursos para fazer o material, providenciar alguma cópia.

Interagir - E o que ainda você espera da UERJ aqui na Baixada Fluminense?

Que continue dando oportunidade a pessoas como eu e de toda a comunidade da Baixada Fluminense de se apropriarem de conhecimentos que podem ser úteis para a própria comunidade. Infelizmente, ainda existe muita gente necessitando ser alfabetizada no nosso país. Eu acho que a universidade deve procurar formar um elo

com a comunidade, procurando beneficiar quem está próxima a ela, procurando atuar nas necessidades daqui mesmo, da Vila São Luiz. Para mim estar na universidade foi muito importante , foi uma oportunidade. Eu, que estava distante da universidade, pude me aproximar e construir minha prática como alfabetizadora ao longo de um projeto que me forneceu conhecimentos teóricos e que me fez refletir o tempo todo sobre a prática. Foi com ele que aprendi a atuar na alfabetização de jovens e adultos. Hoje me sinto mais preparada para desenvolver meu trabalho como professora alfabetizadora. Depois do curso, tudo se renovou. A universidade deve atuar assim formando pessoas da comunidade para atuar na própria comunidade.